

CAFÉ FILOSÓFICO ATEMPORAL: ONDE ESTÃO AS PENSADORAS?

NELSI KISTEMACHER WELTER¹/ AMANDA VICTÓRIA MILKE FERRAZ DE CARVALHO²
/ ANA MARCIA WIEZZER SILVA³/ DANIEL ROSA BRASIL⁴/ DIEGO HENRIQUE
FERREIRA DIAS⁵/ EDUARDO ADAM ALVES DE SIQUEIRA GONÇALVES⁶/ EZEQUIEL
ROSA BRASIL⁷/ GABRIELA THAINARA FERREIRA DE SANTANA⁸/ GUSTAVO LUIS
ROSSATO⁹/ IASMIM IACI DOS SANTOS¹⁰/ LARISSA CRISTINA CORDEIRO¹¹/ LEONAN
COELHO DA COSTA¹²/ THIAGO LUAN QUEIROZ¹³

Suas histórias e ideias [das pensadoras] ressoam com relevância e significado, pois nos lembram que a filosofia, em sua essência, é um empreendimento humano, que pertence a todos nós.
(Prickladnitzky & Welter, 2023, p. 13)

Resumo: A oficina intitulada "Café Filosófico Atemporal: Onde Estão as Pensadoras?" propõe uma reflexão crítica sobre a ausência histórica das mulheres no cânone filosófico. Utilizando uma metodologia teatral e dialógica, a oficina busca iluminar as contribuições de filósofas ao longo da história, questionando as estruturas de poder que perpetuam a exclusão feminina. O objetivo é fomentar uma reavaliação crítica e inclusiva da narrativa filosófica, promovendo a inserção das vozes femininas e desafiando os participantes a refletirem sobre a importância dessas contribuições no contexto atual da filosofia e outras áreas do conhecimento.

Palavras-chave: Mulheres Pensadoras; Filósofas; Cânon Filosófico; Gênero.

¹ Doutora em Filosofia pela UFSC; professora de Filosofia na graduação e no PPG de Filosofia da UNIOESTE, campus de Toledo; tutora do PET Filosofia de 2022 a 2024; e-mail: nelsi.welter@unioeste.br

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2024-2026). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Graduada em Filosofia na UNIOESTE (2023). Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-8095-0053>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1402250058129722>. E-mail: mandamilke@gmail.com.

³ Graduanda em Filosofia pela UNIOESTE. Bolsista do PET Filosofia pela CAPES. E-mail: anawiezzzer@gmail.com

⁴ Graduando em Filosofia pela UNIOESTE. Bolsista do PET Filosofia pela CAPES. E-mail: Brasildanielo8@gmail.com

⁵ Graduando em Filosofia pela UNIOESTE. E-mail: Graduando em Filosofia pela UNIOESTE. E-mail: Diegodiasfilo@gmail.com

⁶ Graduando em Filosofia pela UNIOESTE. Bolsista do PET Filosofia pela CAPES. E-mail: eduardo.adam2020@gmail.com

⁷ Graduando em Filosofia pela UNIOESTE. Bolsista do PET Filosofia pela CAPES. E-mail: ezequielrosabrasil@gmail.com

⁸ Graduanda em Filosofia pela UNIOESTE. Bolsista do PET Filosofia pela CAPES. E-mail: gabrielathainara321@gmail.com

⁹ Graduando em Filosofia pela UNIOESTE. Bolsista do PET Filosofia pela CAPES. E-mail: gustavorossato200@gmail.com

¹⁰ Graduanda em Filosofia pela UNIOESTE. Bolsista do PET Filosofia pela CAPES. E-mail: Iasmim.Beranger@unioeste.br

¹¹ Graduanda em Filosofia pela UNIOESTE. Bolsista do PET Filosofia pela CAPES. E-mail: larissacrist.cordeiro@gmail.com

¹² Graduando em Filosofia pela UNIOESTE. Voluntário do PET Filosofia. E-mail: leonancosta18@gmail.com

¹³ Graduando em Filosofia pela UNIOESTE. Bolsista do PET Filosofia pela CAPES. E-mail: thiagolqueiroz@hotmail.com

Sugestão de Público: Alunos do ensino médio.

Duração: 2 horas / aulas

Recursos didáticos:

- Mesas e cadeiras (Cenário)
- Copos (Cenário)
- Garrafas (Cenário)
- Livros da coleção Os Pensadores
- Livros da coleção Dossiê As Pensadoras
- Figurino representativo
- Jornal (Cenário)

Objetivos:

- Provocar a reflexão sobre a ausência das mulheres na história da filosofia;
- Explorar concepções de filósofos clássicos sobre o papel das mulheres e suas contribuições para a filosofia;
- Promover debate reflexivo, com elementos esclarecedores, sobre diversas condições impostas que fomentam a ausência das mulheres na filosofia;
- Apresentar pensadoras de diferentes períodos e suas contribuições para a história da filosofia.

2

Fundamentação teórica:

A fundamentação teórica da oficina é alicerçada em diversas abordagens filosóficas, sociais e políticas, enfatizando perspectivas feministas e raciais, explorando os pensamentos dos filósofos e filósofas apresentados no teatro, com foco crítico sobre a exclusão e sobre a valorização das contribuições femininas ao pensamento filosófico.

1. **Jean-Jacques Rousseau:** Rousseau argumentou, em sua obra "Emílio", que as mulheres são naturalmente mais emocionais e intuitivas, devendo ser relegadas a papéis domésticos. Essa visão essencialista da natureza feminina, que atribui capacidades intelectuais inferiores às mulheres, foi desafiada durante a oficina, questionando sua validade à luz de contribuições históricas de filósofas.

2. **John Locke:** Locke, em "Ensaio sobre o Entendimento Humano", argumenta que todos nascem como uma "*tabula rasa*" (quadro vazio). Essa visão sugere que as diferenças de capacidades entre homens e mulheres não são inerentes, mas resultado de oportunidades desiguais. A oficina utilizou esse argumento para contestar a exclusão histórica das mulheres da educação e do discurso filosófico, propondo que as desigualdades observadas são socialmente construídas.

3. **Denis Diderot:** Diderot foi defensor da igualdade de oportunidades e argumentou contra a visão de Rousseau, sugerindo que a ausência de mulheres na filosofia se devia à falta de oportunidades e não à incapacidade natural. Esse ponto foi central na oficina, evidenciando a necessidade de revisar o cânone filosófico e reconhecer as contribuições femininas.

4. **Marguerite Porete:** Porete, uma mística medieval, desafiou as normas de sua época com suas obras filosóficas e religiosas, como "O Espelho das Almas Simples". Sua história de resistência contra a censura e perseguição religiosa ilustra a capacidade intelectual e a coragem femininas em contextos adversos, reforçando a ideia de que a exclusão das mulheres do discurso filosófico é uma construção social, não uma verdade essencial.

5. **Margaret Cavendish:** Cavendish, filósofa do século XVII, contribuiu significativamente para a filosofia natural, com obras como "Observações sobre Filosofia Experimental". Ela participou ativamente dos debates científicos de sua época, desafiando as noções de inferioridade intelectual feminina. Sua inclusão na oficina sublinha a riqueza das contribuições femininas à filosofia e a necessidade de sua integração ao discurso acadêmico.

6. **Mary Wollstonecraft:** Wollstonecraft, pioneira do feminismo, afirmou, em "Reivindicação dos Direitos da Mulher" que as mulheres devem ter acesso igual à educação, para desenvolver plenamente sua racionalidade. Sua defesa da igualdade de direitos e oportunidades foi ponto central na oficina, destacando a importância da educação para a emancipação feminina.

7. **Jeremy Bentham:** Sua filosofia, baseada na noção de dignidade dos seres humanos conforme sentem dor e prazer (exposta em “Introdução aos princípios da Moral e da Legislação”), estende essa tese à violência social que caracteriza a redução do espaço público das mulheres. Bentham chama também a atenção para o fato, ressoando aqui a fala de Wollstonecraft, de que foi na época da razão que ocorreram as duas maiores guerras da humanidade. A felicidade humana, segundo o filósofo, depende também do prazer que a educação das mulheres, resultando em obras e feitos, pode proporcionar à sociedade.

8. **Olympe de Gouges:** De Gouges ampliou a discussão, incluindo temas de raça e classe, argumentando pela inclusão de todas as formas de opressão no discurso sobre igualdade. Sua defesa da igualdade universal foi crucial para a abordagem interseccional da oficina, reconhecendo que a opressão é multifacetada e interconectada.

9. **Angela Davis e bell hooks:** Davis e hooks introduziram o aspecto da interseccionalidade, abordando o modo como raça, classe e gênero se entrelaçam para criar experiências únicas de opressão. As pensadoras argumentam que o feminismo deve ser inclusivo e lutar contra todas as formas de discriminação e que um indivíduo pode ser atingido por formas diversas de preconceito; seria, pois, de suma importância nos empenharmos em combater conflitos sociais diversos - dessa forma podemos gerar uma sociedade mais justa. A inclusão das autoras foi fundamental para a oficina, ampliando a compreensão dos participantes sobre a complexidade das desigualdades sociais.

Contextualização histórica das filósofas

A história da filosofia revela um padrão de exclusão sistemática das vozes femininas. Da Antiguidade até os dias atuais, figuras como Marguerite Porete e Margaret Cavendish enfrentaram barreiras intelectuais e sociais. A exclusão das mulheres do discurso filosófico não é acidental, mas reflexo das estruturas patriarcais que moldaram a academia. Esse panorama está enraizado em normas culturais que confinavam as mulheres ao espaço doméstico; tais ‘normas’ culturais foram reforçadas por filósofos como Rousseau, que procurou justificar a

subordinação feminina. No "Emílio", o pensador francês argumentou que as mulheres são por natureza emocionais e intuitivas, incapazes de alcançar a mesma racionalidade que os homens.

Locke, por sua vez, dizia que a filosofia era uma possibilidade para aqueles livres de "afazeres do mundo". Com essa expressão, entende-se: pessoas livres de "deveres sociais e domésticos" que impedem e/ou diminuíram a frequência das atividades da razão como ler, escrever e debater filosoficamente (Hutton, 2023, p. 221). Esses deveres sociais e domésticos comumente atrelados e cobrados das mulheres impediram-nas de exercer atividades da razão e filosofar, como observado por Locke. Era um fato conhecido que essas atribuições favoreciam algumas pessoas e desfavoreciam outras.

Embora muito mais moderado que Rousseau, parece que Locke ainda via as mulheres como naturalmente inclinadas ao espaço doméstico, relegadas, por isso, a uma posição secundária na esfera pública. Estas visões essencialistas serviram para manter as mulheres afastadas dos espaços de conhecimento e poder.

No entanto, algumas mulheres conseguiram se destacar. Marguerite Porete, pensadora mística medieval, desafiou as normas da época com suas obras filosóficas e religiosas. Margaret Cavendish, no século XVII, participou ativamente dos debates científicos e filosóficos, desafiando o mecanicismo predominante e propondo uma visão mais integradora da natureza, construindo um sistema filosófico complexo, que concebe a realidade como natureza consciente. Essas contribuições são fundamentais para enriquecer e diversificar o espectro do pensamento filosófico, oferecendo novas perspectivas e questionamentos.

A exclusão das mulheres do cânone filosófico é um fato. Todavia, atestá-lo por meio de dados e análises longas de nada adianta, se o esforço de estudo e resgate de filósofas não acontecer. Faz-se necessário o trabalho de investigar quais filosofias as mulheres produziram e como atingiram o que conquistaram. Deve-se analisar suas teses, argumentos, eventuais sistemas, mas, também, levar em consideração os contextos em meio aos quais essas mulheres filosofaram, com distanciamento histórico e olhar imparcial, sem obscurecer suas filosofias com

visões contemporâneas. Esse é o trabalho árduo de revisão do cânone e resgate de vozes femininas perdidas na história da filosofia, que nas últimas duas décadas tem avançado, mas encontra-se longe de estar concluído (Hutton, 2023, p. 218-220). A criação de uma oficina com o formato de Café Atemporal Filosófico mostra essa preocupação de resgate e visibilização do pensamento das filósofas, além da compreensão dos contextos e a elaboração de estratégias de ensino para o trabalho com tema tão relevante.

Contribuições das filósofas

As filósofas trouxeram significativas inovações ao pensamento filosófico. Marguerite Porete, em "O Espelho das Almas Simples", propôs uma visão mística e profunda da espiritualidade, desafiando tanto a autoridade da Igreja quanto as concepções patriarcais da época. Margaret Cavendish, por sua vez, com "Observações sobre Filosofia Experimental" e "O Mundo Resplandecente", entre outras obras, criticou as limitações do mecanicismo cartesiano, propondo uma filosofia natural que incluía aspectos da experiência humana e da natureza negligenciados por seus contemporâneos, como os desastres naturais, os animais e objetos inanimados.

No século XVIII, Mary Wollstonecraft foi uma das primeiras a argumentar pela igualdade de gênero com base na razão e na educação. Em "Reivindicação dos Direitos da Mulher", defendeu que a educação igualitária era fundamental para a emancipação das mulheres e para a demonstração plena de suas capacidades intelectuais.

Olympe de Gouges ampliou a discussão para incluir questões de igualdade social e racial, argumentando que a luta pelos direitos das mulheres estava intrinsecamente ligada à luta contra todas as formas de opressão. Em 1788, De Gouges publicou "*Réflexions sur les hommes nègres*", expondo seu posicionamento crítico frente ao sistema escravocrata, desafiando a estrutura econômica predominante da França do século XVIII. Anos antes, em 1783, a autora já demonstrava interesse em temas como a igualdade social, o que se evidencia pela exposição de sua peça teatral "*Zamota et Mirza*", em que De Gouges convida

atores negros para serem protagonistas do espetáculo, explorando suas culturas e costumes. Em “*Zamora et Mirza*”, enfatiza seu repúdio à escravidão de maneira explícita e deixa claro seu apoio à abolição da escravatura. Suas obras desafiaram diretamente as estruturas de poder de então, e abriram caminho para uma compreensão mais ampla da justiça social.

Angela Yvonne Davis ganhou notoriedade, durante a década de setenta do século XX, por conta de seu posicionamento político e social. Filósofa, antropóloga e grande ativista, participante do partido dos Panteras Negras, que tinha por objetivo principal o fim da violência policial e a opressão racial, além da defesa da igualdade entre negros e brancos, seu empenho em promover e dar visibilidade aos mais desfavorecidos tornou popular o termo “interseccionalidade”, que reúne a indicação de fatores sociais que afetam os indivíduos de uma sociedade por diversas vias.

Por conta disso, pode-se dizer que o feminismo de Angela Davis, o feminismo negro desenvolvido por ela e também por autoras como bell hooks, Lélia Gonzalez, Kimberlé Crenshaw, entre outras, tem por alvo combater não somente a desigualdade de gênero, mas todo tipo de discriminação. Trata-se do que podemos também chamar de “feminismo interseccional”.

7

Relevância contemporânea e implicações

A inclusão das vozes femininas é crucial para a compreensão holística da filosofia. As filósofas oferecem *insights* sobre questões de ética, política e justiça social, invariavelmente contemporâneas, isto é, atuais, ainda que defendidas há séculos. Integrar essas vozes desafia a narrativa dominante e amplia nosso horizonte intelectual, promovendo uma filosofia mais inclusiva e diversificada.

Mary Wollstonecraft, ao argumentar pela educação igualitária, lançou bases para o feminismo moderno, que continua a influenciar o pensamento contemporâneo sobre igualdade de gênero. Com Cavendish e Porrete, sendo claro que ambas tiveram acesso à educação formal e condições de exercer suas atividades filosóficas, a importância dessa educação e condições ganha figura

histórica, desafiando o essencialismo aplicado ao gênero. A abordagem interseccional introduzida por pensadoras como Olympe de Gouges, Angela Davis e bell hooks ajuda a entender como diferentes formas de opressão se relacionam e criam experiências únicas de marginalização. Esse entendimento é crucial para desenvolver políticas e práticas que promovam a verdadeira igualdade.

Estudar as filósofas implica uma crítica às estruturas de poder e ao *status quo*, questionando premissas e reconhecendo complexidades frequentemente ignoradas. A inclusão dessas vozes nos currículos filosóficos é fundamental para uma sociedade mais igualitária e justa, incentivando futuras gerações a questionar e transcender as barreiras de gênero.

Argumento central

A oficina "Onde estão as pensadoras?" argumenta que a exclusão histórica das mulheres da filosofia é uma construção social baseada em preconceitos de gênero, e não em diferenças de capacidade intelectual. Ao revisitar o cânone filosófico e incluir as vozes femininas, reconhecemos a riqueza e diversidade das contribuições das mulheres ao pensamento filosófico. Além disso, a abordagem interseccional permite entender como múltiplas formas de opressão se conectam, reforçando a necessidade de um feminismo inclusivo e abrangente, que lute por igualdade em todas as dimensões.

Estrutura da oficina:

- **1. Sensibilização/Problematização** A oficina iniciou com uma dramatização ambientada em um café filosófico, onde garçons introduziram filósofos clássicos (Locke, Rousseau, Diderot) e levantaram a questão da ausência de mulheres na mesa de discussão. O cenário serviu para problematizar a histórica exclusão das mulheres do campo filosófico.

- **2. Investigação** A fase de investigação foi conduzida por meio de diálogos dramatizados, entre filósofos históricos e pensadoras (Marguerite Porete, Margaret Cavendish, Mary Wollstonecraft) que desafiaram as concepções de Rousseau e Locke sobre a capacidade intelectual das mulheres. As intervenções de Olympe de Gouges, Angela Davis e bell hooks ampliaram a discussão, incluindo questões de raça e outras formas de opressão, introduzindo a interseccionalidade como conceito-chave.
- **3. Conceituação** Os garçons conduziram a discussão final, envolvendo os participantes e estimulando-os a refletir sobre as implicações contemporâneas das desigualdades de gênero na filosofia e em outras áreas do conhecimento. Foram levantadas questões sobre como garantir a igualdade de gênero e valorização das contribuições femininas na academia.

Roteiro resumido:

9

Início/problematização:

- Garçons introduzem o cenário e os personagens principais, convidando os alunos a participarem da oficina.
- Os personagens levantam a questão da ausência de mulheres.

Investigação:

1. Diálogo Inicial:

- Rousseau, Locke e Diderot discutem sobre o problema da ausência das pensadoras na mesa.
- Rousseau e Locke defendem a exclusão das mulheres.
- Diderot contra-argumenta.

2. Intervenção de pensadoras modernas:

- Marguerite Porete e Margaret Cavendish se levantam para defender a capacidade intelectual das mulheres, fazendo ver que, anteriormente aos

Café Filosófico Atemporal: Onde estão as pensadoras?

pensadores modernos (Rousseau, Diderot e Locke), elas, assim como outras, filosofaram e trouxeram contribuições relevantes ao pensamento.

3. **Resposta de Rousseau:**

- Rousseau apresenta um contraponto, servindo de “gancho” para a sequência, com Mary Wollstonecraft.

4. **Intervenção de Mary Wollstonecraft:**

- Mary Wollstonecraft argumenta diretamente contra Rousseau.
- Bentham intervém, somando-se às ideias de Wollstonecraft.

5. **Ampliando a Questão:**

- Olympe de Gouges, Angela Davis e bell hooks ampliam a discussão, incluindo outras formas de opressão.

Conceituação:

- Os garçons levam a discussão até os alunos.

10

Cenário:

- Mesas e cadeiras de café, espalhadas em frente à sala de aula.
- Mesa principal no centro, com Rousseau, Locke e Diderot.
- Outros filósofos/filósofas sentados em duplas, nas mesas ao redor.
- Todos os filósofos e filósofas vestidos a caráter.
- Gêmeos como garçons; um concorda com as ideias de Rousseau; outro discorda.
- Alunos e convidados sentados em posição de observação, de modo que todos consigam ver e ouvir o que se passa durante a encenação.

Roteiro completo:

Início/problematização:



Garçons introduzem o cenário e os personagens principais.

Garçom A: “Bom dia, pessoal! Hoje nós teremos um café da tarde juntos.”

Garçom B: “Agora que estão todos bem acomodados, vamos explicar o que está acontecendo aqui.”

Garçom A: “Nós convidamos filósofos clássicos, que estão entre as mentes mais importantes da humanidade, para conversarem um pouco com vocês hoje sobre o que eles pensaram de importante.”

Garçom B: “Então vamos apresentá-los!”

(Os garçons se aproximam da mesa central e apresentam cada filósofo enquanto eles acenam para o público com elegância).

Garçom B: “Este homem aqui é John Locke, escreveu um ensaio genial sobre como funciona o entendimento humano. Então tudo o que ele disser sobre a humanidade provavelmente deve estar certo.”

Garçom A: “Este outro homem é Denis Diderot, que foi um dos pensadores mais importantes para diminuir as diferenças da sociedade. Eu o acho uma pessoa muito equilibrada.”

Garçom B: “E finalmente temos Jean-Jacques Rousseau, uma das principais vozes que guiou o modo como a nossa sociedade funciona ainda hoje! Sou fã desse cara!”

(Os garçons se afastam da mesa e pedem para o público bater palmas a eles).

Garçom A: “Não sei, acho que tem alguma coisa estranha.”

Garçom B: “Claro que não, está maluco? Tá querendo ofender as mentes mais brilhantes da humanidade?!”

Garçom A: “E o que vocês acham, tem algo estranho nessa mesa?”

(Aguardar respostas e interagir direcionando a problematização para o fato de que não há mulheres na mesa).

Garçom A: “É isso! Se essa mesa representa as mentes mais brilhantes da humanidade, por que não tem nenhuma mulher?”

Investigação:



Diálogo Inicial (Rousseau, Diderot e Locke).

Rousseau: “Ah, meu caro rapaz, essa é uma questão simples. Eu já filosofei muito sobre isso. Em minha obra *Emílio*, mostrei claramente o que todos já sabem: as mulheres são, por natureza, mais emocionais e intuitivas do que os homens. Elas são diferentes por essência e, portanto, devem ter papéis distintos na sociedade: enquanto nós estamos aqui refletindo, as nossas mulheres estão em casa cuidando dos filhos, limpando.”

(Rousseau faz uma pausa, e com olhar condescendente para as meninas da turma faz a fala a seguir).

Rousseau: “Não é culpa de vocês, a nossa natureza é claramente diferente. Tenho certeza que nessa turma nos trabalhos mais difíceis e complexos são os meninos que se destacam, e naqueles que são mais livres e simples o destaque pode ser das meninas também. Cada um sendo bom naquilo que lhe cabe. Sendo assim, respondendo sua dúvida, essa mesa não é o lugar de destaque para uma mulher.”

Diderot: “Olha Rousseau, eu respeito seu direito de expressar suas opiniões, e até entendo sua perspectiva. Mas penso que você está equivocado. A ausência de mulheres na filosofia não é uma questão de incapacidade natural, mas sim da falta de oportunidade e de um sistema opressivo que historicamente silenciou suas vozes.”

Rousseau: “Historicamente silenciou suas vozes?! Meu amigo, por sorte trouxe comigo uma prova irrefutável de que em todas as culturas de todos os tempos da humanidade nunca houveram mulheres que se destacaram intelectualmente.”

(Rousseau apresenta a coleção dos pensadores).

Rousseau: “Esta é a maior coleção dos pensamentos mais importantes da história da humanidade que temos registro até hoje! E veja só, não há nenhuma mulher. Por que será? Agora vai me dizer que em todas essas épocas e culturas tão diferentes os homens estão conspirando contra as mulheres? É evidente para

qualquer ser minimamente racional que há algo de inferior na natureza do intelecto feminino.”

Diderot: “É uma pena que na nossa época, no século XVIII, as mulheres eram excluídas de atividades sociais e, principalmente, do direito de ter acesso às escolas. Imagine o quanto a nossa sociedade poderia crescer se todas as pessoas, independente do gênero, tivessem acesso ao conhecimento, meu caro amigo, Rousseau! Portanto, ao contrário do que você está defendendo aí, defendo que as mulheres são tão inteligentes quanto os homens e merecem as mesmas oportunidades de educação.”

(Rousseau defende a ideia de que mulheres não têm capacidade intelectual para a filosofia devido à sua “natureza irracional”).

Rousseau: “É justamente disso que estou falando Diderot! Não é uma questão de oportunidade, é só olhar em volta e perceber como as meninas nesta sala devem estar todas se sentindo com raiva de mim ou algo do tipo, por que elas são naturalmente mais irracionais!”

(Diderot contra-argumenta em defesa das mulheres).

Diderot: “Naturalmente mais irracionais?! Olha, eu já conheci muitas mulheres que são extremamente racionais e inteligentes. Minha amiga Sophie Volland, por exemplo, é uma das pessoas mais inteligentes que conheço. E ela me ajuda a ver o mundo de formas que eu nunca imaginaria. Essa ideia de que as mulheres são menos racionais é só um estereótipo antigo. Na verdade, quando damos a elas a chance de estudar e aprender, elas mostram que podem ser tão racionais e lógicas quanto qualquer homem. E você, Locke, o que acha?”

(Locke concorda com Rousseau e apresenta seus pontos).

Locke: (Calmo e ponderado) “Rousseau, eu entendo seu ponto de vista e, em certa medida, compartilho da sua opinião sobre as diferenças naturais entre os sexos. Acredito que as mulheres possuem uma sensibilidade maior, o que é uma

qualidade, mas também uma razão pela qual, historicamente, têm sido mais focadas nos assuntos do lar e da família.”

(Locke faz uma pausa para refletir).

Locke: “No entanto, Diderot, você levanta pontos válidos sobre a falta de oportunidade. Se as mulheres tivessem tido o mesmo acesso à educação que os homens, talvez veríamos um cenário diferente. No meu *Ensaio sobre o Entendimento Humano*, argumento que todos nascemos como uma tabula rasa, uma folha em branco. Portanto, não há razão inerente para que as mulheres não possam alcançar os mesmos níveis de conhecimento e racionalidade que os homens, se lhes forem dadas as mesmas oportunidades desde o início.”

(Locke olha para Rousseau e Diderot, tentando encontrar um meio-termo).

Locke: “Talvez, Rousseau, não seja tanto uma questão de inferioridade, mas de circunstância. Precisamos reavaliar as estruturas sociais que têm limitado o potencial das mulheres. Se realmente acreditamos na igualdade de capacidades, devemos também acreditar na igualdade de oportunidades.”

(Locke se recosta, esperando a reação dos outros).

Rousseau: “Ótimo ponto, caro amigo Locke, no entanto, pense o seguinte: não houveram, na história deste mundo, mulheres que foram educadas? Pense em sociedades igualitárias, princesas filhas da nobreza, filhas de pensadores eruditos, o que elas fizeram com suas oportunidades? Acaso nesse exato momento elas não estão precisando de dois homens de racionalidade para defendê-las? Onde estão essas mulheres?!”



Da esquerda para direita: Porrete, Cavendish, Wollstonecraft, Gouges, hooks, Davis.

Intervenção das pensadoras:

(Marguerite Porete se levanta, toca um sininho, olha com seriedade para Rousseau, depois se dirige ao público presente e se apresenta como prova em carne e osso da capacidade das mulheres.)

Marguerite: “Abençoadas sejam todas as almas simples! Sou Marguerite Porete ou, como consta nas atas da Inquisição, Marguerite chamada ‘A Porete’. Sou uma mística medieval do século XIII, nascida no condado de Hainaut – antigo reino da França, em meados do ano 1200. Recebi educação formal.”

“Escolhi ser uma beguina para viver a experiência direta com o divino. Não éramos ligadas às ordens religiosas da época, mas a igreja não se incomodava com nosso estilo de vida. Nos sustentávamos com nosso próprio trabalho, produzindo tecidos e rendas, fazendo tecelagens e bordados, alfabetizando crianças, lendo a Bíblia e atendendo os enfermos.”

“Fui considerada culta pela minha alfabetização, educação e familiaridade com o discurso cortês, e apesar disso, escrevi minha obra toda em picardo, a língua nativa, não seguindo o que a ordem eclesiástica daquele momento exigia como língua culta: o latim.”

WELTER, N. K. / CARVALHO, A. V. M. F. / SILVA, A. M. W / BRASIL, D. R / DIAS, D. H. / GONÇALVES, E. A. A. S. / BRASIL, E. R/ DE SANTANA, G. T. F./ ROSSATO, G. L / SANTOS, I. I. / CORDEIRO, L. C. / COSTA, L. C. / QUEIROZ, T. L.

“Quando passei a divulgar minha obra fui perseguida pelo bispo local que me proibiu de continuar divulgando meu livro e minha mensagem.”

“Não apenas continuei divulgando-a oralmente, como também fiz mais três cópias e as enviei a três autoridades eclesiásticas que me responderam não haver encontrado nela pecado ou heresias.”

“Me mantive fazendo cópias do meu trabalho e ainda obtive ajuda de pessoas que reconheciam a importância dos meus escritos e que ajudavam fazendo cópias traduzidas para outras línguas para que se propagasse ainda mais.”

“O sucessor do bispo então entrou com um segundo processo contra mim e a minha obra e dessa vez fui levada a Paris onde fiquei presa por um ano e meio e NÃO me dirigi aos meus inquisidores.”

“Fui completamente fiel aos ensinamentos que escrevi em meu livro.”

(Abre o livro e lê para Rousseau)

“A herança dessa alma é a perfeita liberdade, cada uma de suas partes tem o brasão de nobreza. Ela não responde a ninguém, a menos que queira, se ele não é de sua linhagem, pois um nobre não se digna a responder um vilão que o chama ou o convida a um campo de batalha. Portanto, quem chama a tal alma não a encontra; seus inimigos não conseguem dela uma resposta.” (PORETE, p. 121).

(Volta-se ao público).

“Fui julgada como herética, recidiva, relapsa e impenitente. Condenada, fui levada à fogueira no dia 01/06//1310 onde tive meu corpo queimado segurando em minhas mãos o meu livro *O Espelho das Almas Simples.*”

“Após minha morte, meu inquisidor exigiu por lei que todos os exemplares do meu livro fossem devolvidos para que também fossem queimados, o que não aconteceu. Como podem ver hoje meu trabalho é reconhecido como uma obra prima da literatura místicas!”

“Agora pergunto: de que mente surge a ideia de queimar um ser humano vivo para castigá-lo? Tenho certeza de que não foi da mente de uma mulher”

(*Margaret Cavendish a acompanha na mesma linha de argumentação*).

Margaret: “Senhor Rousseau, por acaso você sabe quem sou eu? Não? Pois, vou me apresentar (*pega seu livro e entrega a Rousseau*). O senhor sabe ler? Sim? Leia o nome da autora na capa, por favor. Pois bem, essa sou eu, eu sou Margaret Cavendish. (*volta-se para o público*) Filósofa moderna do século XVII, nasci em 1623 e faleci em 1673. Eu era da elite, aristocrática, e por isso tive acesso à educação formal. Estive em diálogos e discussões filosóficas com outros filósofos, como Descartes e Hobbes. Participei ativamente dos debates científicos que eram fortes na minha época. Sobre minha produção, fui muito produtiva, minha obra completa tem onze volumes e milhares de páginas.”

“Reivindiquei e ocupei meu espaço nos debates científicos da época e na elite erudita. Desenvolvi um sistema complexo de explicação da realidade na minha filosofia da natureza. Um sistema muito bem fundamentado com lógica, argumentos e exemplos, que explica como a natureza é. (*volta-se para Rousseau*) consegue, inclusive, explicar anomalias que seus queridos colegas homens falharam em explicar.”

“Caso o senhor queira debater sobre minha filosofia, deve começar lendo meu tratado de filosofia natural que se chama *Observações sobre Filosofia Experimental*. Caso não consiga entender e queira ver uma versão mais mastigada, de fácil compreensão, leia minha literatura filosófica chamada *O Mundo Resplandecente*. Estarei disponível para conversar sobre minha filosofia caso o senhor tenha capacidade para me acompanhar filosoficamente.”

“Mas, agora, se me der licença, preciso voltar a ler (*pega o livro do Rousseau*). Alguns pesquisadores dessa época querem conversar comigo. Eles estão estudando minha filosofia com seriedade e têm alguns pontos para debaterem com a minha pessoa. Tenha uma boa tarde.”

Resposta de Rousseau e Intervenção de Mary Wollstonecraft:

Rousseau apresenta um contraponto, servindo de palco para Mary Wollstonecraft.

Mary Wollstonecraft argumenta diretamente contra Rousseau.

Rousseau acusa as mulheres de retórica e emocionalismo barato.

Rousseau: “Meus parabéns pelas falas apaixonadas, tão cheias de vontade, como vazias de sentido. Mulheres são assim, falam muito e falam alto, mas cheias de misticismo e emocionalismo barato. Provavelmente as meninas desta sala estão me odiando agora, o que comprova minha teoria. Não é culpa de vocês, sua natureza é assim...”

Mary Wollstonecraft: “Rousseau, você não cansa de falar absurdos em relação às mulheres né? Não me admira que você nunca conseguiu ficar muito tempo com uma mulher e abandonou todos os seus filhos. Mesmo assim escreveu um tratado sobre educação. Um homem admirável mesmo né? Continue falando do meu sexo!”

Diderot: [risadas em relação a fala dela] “Quem é essa moça? Você a conhece? Já gostei dela!”

Rousseau: “Esta é Mary Wollstonecraft. Ela fala que as nossas teorias políticas não representam as mulheres e fica tentando reivindicar direitos. Basicamente mais uma crítica minha, que fica me xingando e o pior, anda acompanhada por outras pessoas que estou com a impressão que também não gostam de mim.”

Diderot: “Jura? Por que será, né? É... quer dizer... por que você tem certeza disso?”

Rousseau: “Olha como eles tão me olhando!”

(Todos os filósofos das outras mesas presentes em cena olham feio para Rousseau).

Mary Wollstonecraft: “E outra coisa vou dizer! A mulher precisa da educação para conseguir desenvolver a razão. Não uma educação de lar, quer dizer, essa até que é um pouco importante, porque a mulher é mãe e companheira do homem, mas ela não é só isso, e não podemos dar a ela apenas esse tipo de educação. É necessário dar o mesmo acesso às mulheres a uma educação de ponta, em todas as áreas. Só assim, a mulher consegue se libertar da sua condição secundária em relação ao homem e se mostrar como sexo de igual valor. Isso é pedir muito? Já respondo, não!”

Mary Wollstonecraft: “E outra, pelo amor, estamos vivendo o século XVIII, que tipo de iluministas vocês são? Helô? As mulheres merecem direitos civis! Viver sob a tutela do pai ou marido é um absurdo! Se os homens têm direitos naturais, as mulheres também têm, hora bolas!”

Intervenção de Jeremy Bentham:



Bentham expondo seus argumentos. Ao fundo, Cavendish e Wollstonecraft.

Jeremy Bentham se levanta da mesma mesa de Mary Wollstonecraft e defende as mulheres, pois é homem e vê razão no argumento de Mary.

Jeremy Bentham: “Sim, concordo com você madame. Não me admira que foi na ‘era da razão’ em que ocorreram as duas maiores guerras da humanidade!”

Permita-me apresentar-me a mim mesmo: eu sou Jeremy Bentham, um filósofo utilitarista do século XIX.”

“Minha filosofia é baseada na noção de dignidade dos seres vivos conforme eles sentem dor e prazer. Causar dor a um ser humano é reduzir sua dignidade; causar dor a uma mulher também, é uma forma de violência à sociedade.”

“E de que forma estamos violando a dignidade das mulheres? Podando seus espaços públicos, suas oportunidades de boa educação, de boa política!”

“Eu percebi que as mulheres não devem ser excluídas dos espaços públicos. Não educar uma mulher é contribuir para a infelicidade dela mesma e da sociedade em geral, causando dor. Uma mulher bem instruída pode contribuir com enormes benefícios para seu núcleo familiar ou social. Pense em quantas ideias criativas as mulheres poderiam contribuir para a esfera social, e nós não permitimos que elas o façam. Rousseau comentou que houve mulheres que não fizeram bom uso de suas oportunidades. Eu lhe dou dois exemplos: o que seria da Química sem Marie Curie? Ou da NASA sem Dorothy Vaughan? São mulheres que fizeram bom uso de sua educação e contribuíram significativamente para a sociedade!”

“Sim, negar o papel das mulheres na sociedade é causar dor e violência à própria sociedade, destruir a dignidade do próprio ser humano. O Sr. Rousseau aí, teve a audácia de escrever sobre como educar crianças para serem bons cidadãos, quando nem mesmo a sua própria vida ele não conseguiu manter em ordem. Devemos confiar em um homem assim?”

(Diálogo dos garçons com Rousseau).

Garçon B:

Entra com uma bandeja, deposita-a sobre a mesa e, com um ar pensativo, diz:

“Bom, parece que a conversa aqui foi bastante acalorada. Eu devo admitir que algumas coisas que Rousseau disse me fazem pensar. Talvez as diferenças naturais entre homens e mulheres realmente signifiquem que cada um tem seu lugar específico na sociedade. Afinal, a história tem mostrado predominantemente os homens nos papéis de liderança e inovação. Talvez isso não seja apenas uma coincidência.”

Garçom A:

Com um sorriso e um ar confiante, coloca outra bandeja sobre a mesa e responde:

“Eu discordo, meu caro colega. O que a história mostra é que as mulheres foram sistematicamente privadas de oportunidades. Imagine quantas mentes brilhantes nunca tiveram a chance de se desenvolver e contribuir por conta das barreiras impostas. O que ouvimos aqui hoje de Wollstonecraft, Bentham e as demais figuras, é que o verdadeiro progresso só é possível quando todos têm a oportunidade de brilhar, independentemente de gênero. E, sinceramente, acho que nosso mundo seria muito melhor se déssemos a todos essa chance.”

22

Ampliando a Questão:

Olympe de Gouges aponta para a necessidade de incluir outros grupos sociais.

Olympe de Gouges: “Eu concordo com esse garçom!! No entanto, eu gostaria de lembrar que a luta por igualdade não se limita apenas a discussões de gênero. Dito isso, eu gostaria de trazer para esta discussão as questões raciais.”

“Que o Rousseau só fala besteiras é um fato, e acredito que continuará falando até o último dia de sua vida. Agora, o que a Wollstonecraft e Bentham nos apresentam, está correto, eu concordo.”

“Mas eu acredito que precisamos ir além. Por que vocês acham que no século XVIII eu, Olympe de Gouges fui tão criticada pela exposição de minha peça teatral ‘Zamora et Mirza’? Por que vocês acham que incomodei tanta gente? Eu lhes respondo: Foi pelo simples fato de colocar pessoas negras como

protagonistas de minha peça, homens e mulheres negras, pessoas reais. E por que isso incomoda tanto? E eu lhes respondo novamente: Foi porque eu critiquei um dos pilares econômicos da França do século XVIII, baseado na exploração e na escravidão de pessoas. Eu me coloquei tão à frente dos ‘revolucionários’ de minha época que eles não suportam a minha existência por muito tempo e, então, em 3 de novembro de 1793, eu fui acusada de ser uma opositora do governo revolucionário, e fui condenada à morte pela guilhotina.”

(Olympe faz ponte para Angela Davis e bell hooks).

(Angela Davis e Bell Hooks ampliam a discussão para questões mais abrangentes).

Angela Davis: “Olha, finalmente alguém se lembrou de nós!!!, as mulheres negras o povo negro, as minorias e os invisibilizados pela sociedade. Ao contrário de uns e outros aí que acreditam ser gênios, há pessoas que conseguem pensar em outras realidades que não seja a sua própria. Inclusive, têm uma mente brilhante entre nós hoje, que se empenhou nessa missão de dar voz às minorias. Estou falando da minha grande amiga bell hooks”

bell hooks: “Claro Angela! Para mim é um prazer estar aqui com você e poder discutir assuntos que englobam as dificuldades sociais. Para mim, o feminismo tradicional não é tão amplo quanto o feminismo interseccional, pois não lutamos apenas contra o sexismo, mas também contra o racismo. Acredito que para entender completamente a opressão das mulheres negras precisamos olhar também para as questões de gênero, classe e raça.”

Angela Davis: “Sim, precisamos olhar para as minorias, aqueles que são invisibilizados pela sociedade e, sim, de fato as mulheres brancas cis enfrentam problemas, mas quando falamos de mulher, não estamos falando apenas da mulher branca, da mulher cis ou da mulher pobre. As mulheres são diversas. Quando falamos de mulheres, estamos falando de diversidade, cada uma com a sua particularidade e especificidades, algumas com mais dores que outras. Por

exemplo, quando falamos de uma mulher negra, transexual e pobre estamos falando de uma luta tripla.”

bell hooks: “Exato! vamos olhar para outras realidades. Imagina que as mulheres negras ou trans, ou negras e trans, enfrentam diversos tipos de discriminação e muito mais se formos comparar com a mulher branca e cis. O que passamos é uma discriminação violenta. Essas formas de opressão não ocorrem de forma separada, elas se combinam e criam uma experiência única de marginalização. É por conta disso que o feminismo tradicional, que muitas vezes se concentra somente no sexismo, não é o suficiente para abordar o problema das mulheres no geral.”

Angela Davis: “Sim e infelizmente é uma luta que ocorre desde nossos antepassados e que nos deixaram profundas cicatrizes. Apesar de sermos “livres” ainda somos encarceradas pelos olhares da sociedade, lutamos constantemente para podermos sair dessa situação de miséria em que fomos colocadas à força. É essa a nossa luta! E quando uma mulher negra, uma mulher trans, uma mulher oprimida se levanta uma sociedade inteira se levanta com ela.”

bell hooks: “O feminismo negro enfatiza a importância da solidariedade entre todas as mulheres, reconhecendo e buscando entender as mais diversas vivências.”

Angela Davis: “Isso é realmente poderoso, bell! Como devemos aplicar isso na realidade?”

bell hooks: “Podemos começar ouvindo e valorizando as vozes das mulheres negras e de outras mulheres marginalizadas. Também precisamos trabalhar para desmontar todas as formas de opressão, não apenas o sexismo, mas também o racismo, o classismo, a homofobia, e outras formas de discriminação. Isso significa que o feminismo deve ser uma luta interseccional, reconhecendo e combatendo as múltiplas formas de opressão que afetam diferentes mulheres de maneiras diferentes.”

Angela Davis: “Concordo plenamente! A luta pela justiça precisa ser abrangente e interseccional. As mulheres são importantíssimas para o desenvolvimento de um pensamento robusto. Inclusive tenho aqui livros maravilhosos que peguei na UNIOESTE antes de vir para este café, livros que demonstram as brilhantes mentes femininas que já existiram e ainda existem bell.”

bell hooks: “E que livros são esses?”

Angela Davis: “É uma coleção intitulada ‘As pensadoras’, assim como a coleção de ‘Os Pensadores’, estas obras têm muito a nos acrescentar intelectualmente.

bell hooks: “Obrigada, Angela. É uma alegria ter o conhecimento da existência dessas obras e é sempre uma honra discutir questões sociais como essas com você. Juntas, podemos continuar a avançar na luta por um mundo mais justo e equitativo para todas as mulheres.”

Angela Davis: “Eu que agradeço por poder partilhar este espaço com você. É sempre inspirador ouvir suas ideias. Obrigada por compartilhar!”

25

Encerramento (Garçons):

Garçom B: “Talvez nunca concordemos completamente, mas é essencial ter essas discussões.”

Garçom A: “Exatamente. O importante é continuarmos a dialogar e buscar um mundo mais justo e igualitário para todos. Bom, pessoal, então hoje tivemos uma conversa muito intensa e reveladora, não acham? Vocês ouviram diferentes pontos de vista e presenciaram uma verdadeira batalha de ideias sobre a igualdade de gênero. É importante lembrar que essas discussões não são apenas questões históricas ou filosóficas – elas têm tudo a ver com a nossa vida cotidiana.”

Garçom B: “Exatamente. Nós vimos hoje como grandes pensadores do passado, apesar de sua importância, muitas vezes tinham visões limitadas e

preconceituosas sobre o papel das mulheres. No entanto, também vimos que havia e há muitas mulheres e aliados que lutaram e continuam lutando por igualdade e justiça.”

“E nosso intuito com esta apresentação é justamente trazer esta discussão para o cotidiano de vocês. Quantas vezes vocês ouviram falar de filósofas mulheres na filosofia? Quantas vezes vocês viram mulheres assumindo papéis de liderança aqui na cidade de Toledo? E vocês que estão aqui hoje, principalmente as garotas, quantas vezes presenciaram situações ou sofreram pela desigualdade de gênero? E depois que nos fizemos estas perguntas, claro que devemos também pensar em como resolvê-las? Como vocês acham que podemos reverter a desigualdade de gênero?”

[Breve momento para os alunos responderem quais os meios para garantir a igualdade de gênero.]

Garçom A: “Uma maneira eficaz de promover a igualdade de gênero é começando pela educação e conscientização em nosso próprio ambiente, que é exatamente o que viemos fazer aqui hoje. Então o primeiro passo já está dado!”

“Além disso, procurem aprender mais sobre a história e as contribuições de mulheres em diferentes áreas. Leiam livros, assistam documentários e participem de discussões sobre as conquistas das mulheres. Quanto mais informados vocês estiverem, mais capazes serão de reconhecer e valorizar o papel fundamental que as mulheres desempenham na sociedade.”

“Pequenas ações podem ter grandes impactos. Se cada um de nós se comprometer a promover a igualdade de gênero em nossas próprias vidas, estaremos dando um passo importante em direção a um futuro mais justo e igualitário.”

Fim da atividade.

REFERÊNCIAS:

WELTER, N. K. / CARVALHO, A. V. M. F. / SILVA, A. M. W / BRASIL, D. R / DIAS, D. H. / GONÇALVES, E. A. A. S. / BRASIL, E. R/ DE SANTANA, G. T. F./ ROSSATO, G. L / SANTOS, I. I. / CORDEIRO, L. C. / COSTA, L. C. / QUEIROZ, T. L.

ROUSSEAU, J-J. *Emílio ou Da Educação*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Bertrand Brasil, 1992.

Sobre as mulheres: uma análise sobre a condição feminina no pensamento do iluminista Denis Diderot. TAMIZARI, Fabiana. Ipseitas, São Carlos, vol. 5, n. 2, pp. 147-161, jul-dez, 2019.

BENTHAM, Jeremy. *An Introduction to the Principles of Morals and Legislation* (Classic Reprint). Londres: Forgotten Books, 2018.

HUTTON, Sarah. *Um novo renascimento: a história das filósofas além de fronteiras e culturas*. Tradutores/as: Amanda Victoria Milke Ferraz De Carvalho, Diego Enrique Clare Junior, Eduardo Adam Alves De Siqueira Gonçalves, Fernando Alves Grumicker, Fernando Sauer Dos Santos, João Francisco Truccolo, Leonan Coelho Da Costa, Nicole Elouise Avancini, Paola Cristiane Schroeder Dos Santos, Thiago Luan Queiroz, Vinicius Rhuam Tezolim Peraçoli, Vitoria Nunes Silva De Souza, Dr^a. Nelsi Kistemacherwelter, Dr. Pedro Falcão Pricladnitzky. Toledo: Revista Diaphonía v.9, n.3, 2023.

NUSSBAUM, Martha. *Sem Fins Lucrativos: Por Que a Democracia Precisa das Humanidades*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

PACHECO, Juliana (Org.). *Mulher & Filosofia: As Relações de Gênero no Pensamento Filosófico*. Mestranda em Filosofia pela PUCRS; Bolsista CAPES. E-mail: juliana.pachecobs@gmail.com

PORETE, Marguerite. *O Espelho das Almas Simples e Aniquiladas e que Permanecem Somente na Vontade e no Desejo do Amor*. Tradução: Sílvia Schwartz. São Paulo: Vozes, 2008.

PRICLADNITZKY, P.; CARVALHO, A. V. M. F.; SALLES, O. Margaret Cavendish: uma introdução à sua filosofia da natureza. Em: WELTER, N. K.; PRICLADNITZKY, P. (Org.). *Dossiê As Pensadoras*: vol. 2. Toledo-PR: Instituto Quero Saber, 2023, p. 125-149.

WELTER, K. N.; PRICLADNITZKY, P. (Org.). *Dossiê: As Pensadoras*: vol. 2. Toledo - PR: Instituto Quero Saber, 2023.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos da mulher*. São Paulo: Boitempo, 2016.